

<http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321.7.7.1.123-140>

Léxico toponímico: alguns pontos de intersecções linguístico-culturais na toponímia municipal alagoana

*Toponymic lexicon: some
points of linguistic-cultural
intersections in alagoana
municipal toponymy*

Pedro Antônio Gomes de MELO (UNEAL-AL)
petrus2017@outlook.com

MELO, Pedro Antônio Gomes de Melo.
Léxico toponímico: alguns pontos
de intersecções linguístico-culturais
na toponímia municipal alagoana.
Entrepalavras, Fortaleza, v. 7, p.
123-140, jan./jun. 2017.

Resumo: Os topônimos são unidades lexicais comuns que se atualizam a nomes próprios individuais, ressignificados no ato de batismo de lugar. Nesses casos, há uma situação singular, em virtude de o vocábulo, ao deixar o seu uso pleno na língua, transitando para o uso onomástico-toponímico, reveste-se de caráter denominativo e passa a ser referencializado como locativo. Nessa direção, este artigo objetiva realizar uma descrição linguística sobre as escolhas lexicais decorrentes de taxinomias de natureza física registradas, na sincronia atual, no léxico toponímico municipal alagoano realizadas pelo sujeito-nomeador para nomear municípios. Quanto aos métodos empregados, trata-se de um estudo bibliográfico, em que o inventário toponímico que compõe o corpus desta pesquisa seguiu, fundamentalmente, os princípios teórico-metodológicos da Lexicologia e da Toponímia, em especial o modelo teórico de Dick (1990, 1992) e as contribuições de Isquerdo (1996, 2012). Após as análises, os resultados apontaram que há uma maior influência de condutas motivadoras de natureza física na toponímia municipal. Dentro desse grupo motivacional, as taxas dos hidrotopônimos foram as mais

produtivas, com registros de 19 ocorrências, de um total de 55 topônimos, o que demonstra que fatores naturais do habitat interferem na escolha de nomes próprios atribuídos às municipalidades.

Palavras-chave: Lexicologia. Léxico toponímico. Nomes de cidade.

Abstract: The toponyms are common lexical units that update to individual proper names, redefined in the act of baptism of place. In these cases, there is a singular situation, by virtue of the word, when leaving its full use in the language, transiting to the onomastic-toponymic use, it has a denominational character and is referred to as locative. In this direction, this article aims to perform a linguistic description on the lexical choices arising from taxonomies of a physical nature registered, in the current synchrony, in the Alagoas toponymic lexicon carried out by the subject-appointee to nominate municipalities. As for the methods employed, this is a bibliographical study, in which the toponymic inventory that compose the corpus of this research followed fundamentally the theoretical-methodological principles of Lexicology and Toponymy, especially the theoretical model of Dick (1990, 1992) and the contributions of Isquerdo (1996, 2012). After the analysis, the results showed that there is a greater influence of motivating behaviors of a physical nature in the municipality toponymy. Within this motivational group, the taxes of hydrotponym were the most productive, with records of 19 occurrences, of a total of 55 toponyms, which shows that natural habitat factors interfere in the choice of proper names attributed to the municipalities.

Keywords: Lexicology. Toponymic lexicon. City names.

Introdução

Apesar de o léxico ser objeto de interesse de muitos pesquisadores das áreas de Letras e Linguística no Brasil, o estudo de arte da Lexicologia demonstra que ainda há poucas pesquisas lexicais em Alagoas, menos ainda sobre o léxico toponímico¹, embora seja evidente a importância de investigações nessa área de saber, em virtude de sua característica interdisciplinar favorecer a aquisição de múltiplos conhecimentos, inclusive questões linguístico-culturais materializadas nos nomes de lugares.

O topônimo é o signo linguístico no mundo onomástico. Trata-se de um elemento multifacetado que consiste no nome próprio em função designativa de um espaço geográfico e/ou humano. Estudá-lo é compreendê-lo em suas diversas potencialidades, identificando e resgatando as razões que fazem ou fizeram com que o falante escolhesse um nome, dentro de um eixo de possibilidades sêmicas para designar um determinado espaço.

¹ Apropriou-se do conceito de *léxico toponímico*, definido por Isquerdo (2012, p. 116) “como o conjunto de unidades lexicais investidas da função de nome próprio de lugar que podem reunir formas do vocabulário comum, alçadas à categoria de topônimos”.

Sendo assim, parte-se do pressuposto de que a Toponímia pode traduzir uma imagem pelo menos aproximativa das representações de um povo, por meio de traços da geografia do lugar, do sistema de povoamento e das características etnodialetológicas da região na qual o topônimo está inserido.

No caso da toponímia alagoana, em decorrência do processo de povoamento ao qual o estado foi submetido – antiga região sul da Capitania de Pernambuco – há grandes contrastes e diferenças diatópicas e diastráticas. Sua distribuição e nomenclatura toponímica se deve em particular ao início da formação do território alagoano, compondo dessa forma uma rede de relações linguístico-culturais em seu léxico toponímico.

Neste escrito, adota-se o conceito de cultura como um conjunto de ideias, tradições, conhecimentos e práticas individuais e sociais, projetados na língua de um povo, e o ato de nomear lugares como atividade significativa ao homem como forma de entender a realidade circundante (MEADA, 2006).

Dessas particularidades, surgiu o interesse científico-acadêmico de investigar como o homem, alocado num dado espaço físico do Nordeste do Brasil, tendo à sua disposição várias possibilidades de escolha, nomeou os municípios alagoanos, ou seja, como se dá/deu a conversão de um signo linguístico em um topônimo para designar suas municipalidades.

É nesse sentido que este artigo se propõe a dirimir lacunas reveladas sobre a temática das motivações toponímicas em Alagoas, apresentando uma descrição linguística sobre as escolhas lexicais realizadas pelo sujeito-nomeador para designar os municípios no território considerado atualmente alagoano.

O recorte toponímico investigado abrangeu os 102 nomes próprios oficiais das municipalidades alagoanas na sincronia atual e seguiu, fundamentalmente, os princípios teórico-metodológicos da Lexicologia em interlocução com a Toponímia, em especial o modelo teórico toponomástico de Dick (1990, 1992) e as contribuições de Isquerdo (1996, 2012).

Este artigo está dividido em duas seções: a primeira traz a fundamentação teórica que norteará este estudo, abordando, de forma concisa, conceitos de Lexicologia e Toponímia, que foram utilizados para subsidiar a análise e interpretação dos dados; e a segunda seção apresenta a análise e os resultados, pondo em foco as motivações

toponímicas e, quando necessário, a rede etimológica toponímica evidenciada na nomenclatura das municipalidades alagoanas.

Referencial teórico

Este artigo se filia às bases teóricas e aos princípios metodológicos da Lexicologia, compreendida como uma parte da Linguística que tem como objeto “o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua, incidindo, sobretudo, na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações” (VILELA, 1994, p. 10), em diálogo com a área da Toponímia, compreendida como² “o estudo integral, no espaço e no tempo, dos aspectos: geo-históricos, socioeconômicos e antroponímicos que permitiram e permitem que um nome de lugar se origine e subsista” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 18, tradução nossa).

Trata-se de uma investigação que se insere no paradigma pós-positivista de pesquisa de natureza qualitativa de cunho interpretativista, uma vez que seus resultados são oriundos de interpretação de fenômenos linguístico-culturais de forma objetiva, mas levando em consideração os contextos nos quais os dados foram gerados. Sendo assim, busca-se evidenciar as possíveis motivações para escolhas de nomes das municipalidades alagoanas, seus significados, sua etimologia e suas representações simbólicas no léxico toponímico.

Cumprido destacar que a intersubjetividade se marca nesta pesquisa, pois o nomeador é um sujeito situado social e historicamente, e os nomes de lugares remetem à motivação do ser humano, em um determinado contexto cultural, a um sistema de práticas, valores, crenças e interesses a ele associados que permanecem firmados nos locativos mesmo quando o motivo de sua escolha não mais existe. Logo, a partir do estudo do signo toponímico, pode-se compreender, em certos casos, o ânimo do nomeador, não apenas a causa motivadora do indivíduo, mas o reflexo da projeção de seu grupo social e posterior institucionalização do topônimo.

A Toponímia, em seu início na França com August Longnon em 1878, ocupava-se exclusivamente do estudo linguístico imanente do topônimo com o objetivo de recuperar a etimologia dos nomes, o caráter semântico da palavra e suas transformações linguísticas, principalmente as morfossintáticas.

² Estudio integral, en el espacio y en el tiempo, de los aspectos: geo-históricos, socio-económicos y antroponímicos, que permitieron y permiten que un nombre de lugar se origine y subsista (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 18).

Na atualidade, ela tende a observar outros aspectos envolvidos na prática de nomear lugares. Assim, o léxico toponímico traduz diversos aspectos línguo-culturais constituintes do processo de nomeação de cidades. Neste artigo, como já afirmado, limitar-se-á a análise das motivações toponímicas das escolhas lexicais para nomear os atuais e oficiais 102 municípios alagoanos.

Nessa perspectiva não reducionista, as pesquisas toponímicas se tornaram uma área dinâmica e de caráter multidisciplinar, conforme postula Dick (1990, p. 16): “é lícito considerar-se a Toponímia, antes de tudo, como um complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”.

Dito de outra forma, em virtude da amplitude dos estudos toponímicos, a Toponímia se interliga a várias áreas do conhecimento, propiciando diferentes perspectivas de análises. Assim, constituindo-se como um ramo disciplinar dinâmico e de caráter multi, trans e interdisciplinar que tem como objeto de estudo o léxico toponímico real (não potencial) e seu produto gerado: a palavra com função locativa e suas transformações ao longo do tempo.

Nas palavras de Trapero (1995, p. 21, tradução nossa)³,

A toponímia é uma disciplina cuja problemática se integra à Linguística, à Geografia, à História, à Botânica, à Arqueologia, à Antropologia (...) E todas reivindicando um direito de propriedade. Mas temos que concordar que mais direito que todas as outras tem a Linguística (para não dizer exclusivo), como uma perspectiva que busca explicar um recorte do léxico de um lugar, de uma região, de uma língua (TRAPERO, 1995, p. 21, tradução nossa).

Pelo supracitado, observa-se que a toponímia constitui um fio condutor de grande utilidade multidisciplinar, comprovando que a natureza pluralista dos nomes de municípios possibilita dialogar teoricamente com várias correntes, e neste artigo, dialogar-se-á com os estudos do léxico.

Nessa vertente, essas pesquisas podem ser compreendidas como um indicador linguístico-cultural – em sentido lato, uma vez que o modo como a língua traduz a visão de mundo de um povo evidencia

³ La toponimia es una disciplina cuya problemática se la han repartido la lingüística, la geografía, la historia, la botánica, la arqueología, la antropología... Y todas ellas alegando un “derecho” de propiedad. Pero habrá que convenir que más (no digo exclusivo) “derecho” que ninguna tiene la lingüística, como perspectiva que trata de explicar una parcela del léxico de un lugar, de una región, de una lengua (TRAPERO, 1995, p. 21).

as inter-relações que se estabelecem entre língua, cultura e sociedade. Logo, quando se nomeiam lugares de forma primitiva e/ou quando se mudam estas designações ao longo do tempo, diferentes fatores podem motivar a escolha e/ou a mudança do topônimo, tanto de ordem físico-ambiental quanto antropocultural.

Hoje, há duas tendências nos estudos toponímicos no mundo. A primeira, de caráter pragmático, manifestada principalmente nos países de língua francesa, nos quais se voltam à uniformização, à normatização e ao controle da nomenclatura geográfica. E a segunda, de caráter acadêmico, que compreende a toponímia não em sua função pragmática, mas como ciência da linguagem e um instrumento importante na análise linguística. Este artigo está incluso nessa segunda tendência (TIZIO, 2009).

Nos dizeres de Tavares e Isquerdo (2006, p. 3),

Na dimensão linguística, o estudo dos topônimos – nomes de lugares – pode ser realizado sob diferentes perspectivas: análise de estratos linguísticos evidenciados pelos designativos, classificação taxionômica dos nomes e análise de *taxes* predominantes, discussão da motivação semântica dos nomes, estudo diacrônico referente às mudanças de nomes, análise da estrutura morfológica dos topônimos (TAVARES; ISQUERDO, 2006, p. 3)

As pesquisas toponímicas se desenvolvem em uma linha bibliográfica, documental e/ou de campo e seguem o método onomasiológico, em que o dado selecionado é observado, registrado, classificado, analisado e interpretado de acordo com a identificação dos fatores determinantes à configuração do *corpus*.

No caso das motivações toponímicas, que estão relacionadas à intencionalidade do sujeito-nomeador, Dick (1990, 1992) apresenta um modelo teórico que engloba vinte e sete *taxes*⁴, distribuídas em dois grupos, conforme a natureza motivacional: onze *taxes* relacionadas ao ambiente físico, denominadas de taxionomias de natureza física; e dezesseis relacionadas ao homem e sua relação com a sociedade e a cultura, denominadas de taxionomias de natureza antropocultural. Dessa forma, agrupa os signos toponímicos a partir de suas motivações.

E ainda, a pesquisadora Negri Isquerdo contribuiu para ampliação do modelo taxionômico elaborado por Dick, propondo subdivisões para a

⁴ O termo *taxe* corresponde à identificação e classificação genérica dos fatos cósmicos de duas ordens de consequência: a física e a antropocultural, de forma a permitir a aferição objetiva de causas motivadoras dos locativos (DICK, 1990).

categoria dos animotopônimos. A referida estudiosa do léxico toponímico, em sua Tese de Doutorado (1996), propôs uma subdivisão justificada pela presença de determinados traços nesses nomes que permitiriam um novo agrupamento. Assim, os topônimos que denotam “impressão agradável/otimista” foram classificados por essa pesquisadora como animotopônimos eufóricos e os que denotam “impressão desagradável/temeridade”, como animotopônimos disfóricos (ISQUERDO, 1996, p. 118).

No ato de denominação, Basilio (2007, p. 31) explica que essa prática “pode ser descritiva ou metafórica”. Nesse sentido, em Alagoas, os topônimos que nomeiam cidades são usados tanto na forma descritiva – a partir de suas características objetivas mais relevantes (por exemplo, Município de Rio Largo/AL, Município de Campo Grande/AL, etc.) como de modo subjetivo por associação (metáfora) – aspectos atribuídos ao lugar pelo nomeador (por exemplo, Município de Feliz Deserto/AL, Município de Mar Vermelho/AL etc.).

Vistos sob esse olhar, o léxico de uma língua é formado por um conjunto de vocábulos que pode representar, pelo menos num certo sentido, o patrimônio social, histórico e cultural geral de uma comunidade. Por seu turno, Antunes (2007, p. 42) explica que se trata de

Um conjunto relativamente extenso de palavras, à disposição dos falantes, as quais constituem as unidades de base com que construímos o sentido de nossos enunciados. (...) É mais do que um repertório de unidades. É um depositário dos recortes com que cada comunidade vê o mundo, as coisas que a cercam, o sentido de tudo (ANTUNES, 2007, p. 42).

Sendo assim, ao escolher palavras do léxico geral, num dado contexto, o usuário da língua desenvolve uma estratégia comunicativa, recorrendo aos seus conhecimentos tanto do léxico quanto da própria situação em que se encontra. Com efeito, essas escolhas lexicais objetivam a realização de determinados fins, podendo desvelar informações importantes.

No campo do léxico toponímico, pode-se dizer que o sujeito-nomeador, ao escolher um certo nome próprio em função onomástica, num processo seletivo, não o faz aleatoriamente, sem que este, de certa forma, não tenha para ele um significado, uma importância e que reflita aspectos peculiares do lugar: físicos, históricos, políticos, culturais, visto que não há neutralidade no uso dos signos.

Os estudos sobre o léxico se destacam a partir da década de 50,

marcada por obras como a de G. Matoré, (*La méthode en Lexicologie*), pelo Congresso de 1957, realizado em Estrasburgo (*Lexicologie et lexicographie françaises et romanes*, 1960) e o início da publicação dos Cahiers de lexicologie, dirigidos por B. Quemada.

Para Orsi (2012, p. 171), na Lexicologia

Pode-se avaliar a questão dos campos semânticos; constituir uma rede de relações das palavras de um sistema linguístico, estabelecer a capacidade de ligação das unidades léxicas nos planos morfossintático, sintático e semântico e nos eixos paradigmático e sintagmático; estudar o conjunto de palavras de uma determinada língua ou de um grupo de indivíduos (ORSI, 2012, p. 171).

Assim, as pesquisas lexicológicas se ocupam dos problemas teóricos que embasam o estudo científico do léxico.

Dito o exposto, acredita-se que esses dois ramos dos estudos da linguagem, Toponímia e Lexicologia, podem oferecer o referencial teórico necessário para a descrição do léxico toponímico municipal alagoano em sua formação, estrutura e o funcionamento propostos neste artigo. Logo, com base em tais pressupostos, realizar-se-ão as análises dos 102 nomes atribuídos aos municípios alagoanos na sincronia atual, nos quais se estabelecem uma conexão entre o município e o topônimo atribuído a ele, em que as partes formam um todo representativo. Buscando relacioná-los aos atos onomásticos, especialmente, aqueles ligados à toponímia.

Análise e resultados

Doravante serão apresentadas as análises toponímicas e quantitativa dos dados que constituíram o *corpus* deste estudo (102 nomes de municípios alagoanos).

Os topônimos foram agrupados conforme suas respectivas motivações toponímicas, observando suas taxas de natureza física, a partir do modelo classificatório taxionômico, pensado para a realidade toponímica brasileira e apresentado por Dick (1990 e posteriores).

Nesse modelo, no âmbito do significante, o topônimo é composto por dois termos: o primeiro, chamado de elemento genérico, que é relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação, identificando-a e singularizando-a dentre outras semelhantes, e o segundo é o elemento específico que particulariza a noção espacial. Por exemplo: Boca da Mata/AL = Boca (elemento genérico) + da Mata (elemento específico),

formando, então, um sintagma toponímico. Sendo assim, para a classificação dos topônimos compostos, considerar-se-á o elemento específico, que é o topônimo propriamente dito.

Topônimos decorrentes de taxionomias de natureza física registrados, na sincronia atual, no léxico toponímico municipal alagoano

Quanto aos topônimos decorrentes de taxionomias de natureza física registrados, na sincronia atual, para nomear municípios em Alagoas, foram detectados 55 nomes próprios de natureza física na função toponímico-onomástica.

Para facilitar a compreensão etimológica de alguns nomes de municípios alagoanos, apresentar-se-á a origem linguística dos topônimos de étimo indígena e africano, como forma de resgatar o significado dos constituintes que formam a unidade lexical, com base no dicionário de Tibiriçá (1997), Cunha (2010) e ainda na enciclopédia de Mendonça *et al.* (2012).

Hidrotopônimos: topônimos relativos a acidentes hidrográficos em geral (rios, lagoas, olho d'água e praias)

Foram registrados dezenove hidrotopônimos, assim distribuídos:

- a) 10 (dez) nomes relativos a rios: (01) **Barra de Santo Antônio**, que faz referência ao Rio Santo Antônio, que corta a região; (02) **Barra de São Miguel**, que faz referência ao rio São Miguel, que talvez tenha sido o primeiro rio oficial descoberto pelos exploradores portugueses no nordeste do Brasil; (03) **Canapi**, do tup. *cana-pií* 'cana fina, delgada' (TIBIRIÇÁ, 1997), que faz referência ao Rio Canapi, que corta a região; (04) **Coruripe**, que faz referência ao Rio Coruripe, conhecido como Cururugi pelos índios Caetés; (05) **Jacuípe**, do tup. *jacu-y-pe* 'no rio do jacu' (TIBIRIÇA, 1997), que faz referência ao Rio Jacuípe, que corta a região do município; (06) **Matriz de Camaragibe** e (07) **Passo de Camaragibe**, do tup. *camara-juba* 'árvore amarela' ou *camará g-y-pe* 'rio dos camarás, numa referência aos tupinambás, rio que corta a região e percorre diversas localidades em Alagoas; (08) **Santana do Mundaú**, do tup. *mandau* 'bebedouro' (MENDONÇA, 2012), que faz

referência ao Rio Mandaú, que é um percurso de d'água que banha os estados de Pernambuco e de Alagoas; (09) **Traipu**, do tup. *taraí-ypu* 'fonte da traíra, muito peixe' (TIBIRIÇÁ, 1997), que faz referência ao Rio Traipu, que corta a região; e (10) **Maragogi**, do tup. *maracujá-y* 'rio dos maracujás' (TIBIRIÇÁ, 1997), que faz referência ao Rio Maragogi, que corta a região.

- b) 4 (quatro) nomes relativos às características de praia, lagoa ou mar: (11) **Japaratinga**, do tup. *já-pará-tinga* 'mar que costuma estar esbranquiçado, i. é., cheio de espumas' (TIBIRIÇÁ, 1997), que faz referência à região de Japaratuba e suas praias, que os primeiros colonos denominavam de Japaratuba da Praia, para distingui-lo de Japaratuba da Mata, que fica na região das matas úmidas. A origem da cidade se deve a uma colônia de pescadores; (12) **Jequiá da Praia**, do tup. *jekeí-y* 'espécie de armadilha de apanhar peixes' (TIBIRIÇÁ, 1997), que faz referência à imensa quantidade de peixes curimãs que são retirados da Lagoa Jequiá; (13) **Paripueira**, do tup. *pari-puera* 'antigo pesqueiro, antiga barragem' (TIBIRIÇÁ, 1997), que faz referência às praias das águas mansas da região; (14) **Santana do Ipanema**, do tup. gua. 'y 'água' + *panema* 'imprestável' ou possivelmente *upaba* 'lago' + *nem* 'fedorento'. *Ypanema*, da língua *Yaathe*, original da tribo Fulni-Ô, também 'água turva', 'água imprestável para o consumo humano' (MENDONÇA, 2012), que faz referência ao Rio Ipanema, que corta o município e (15) **Mar Vermelho**, que faz referência à lagoa existente no povoado de clima ameno, rodeada de gravatás, um tipo de árvore que no outono deixa cair suas folhas de coloração vermelha no chão e nas águas do lago.
- c) 5 (cinco) nomes relativos às nascentes d'água ou à aparência dessas fontes de águas: (16) **Água Branca**, que faz referência ao conjunto de fontes d'água naturais muito próximas umas das outras que davam a impressão de uma única fonte com límpidas águas, clara e branca, como diziam os antigos habitantes, existentes na localidade; (17) **Branquinha**, que faz referência às águas límpidas do Rio Mundaú, claras e sem poluição, à época, água

branquinha, como diziam os antigos moradores do início do povoamento da localidade; (18) **Cacimbinhas**, que faz referência a uma pequena cacimba existente, no lugar onde hoje está situada a cidade, que atendia aos caçadores que por ali passavam e (19) **Igaci**, do tup. *y-assy* ‘rio pestilento, rio doente’ (TIBIRIÇÁ, 1997), que faz referência, em língua indígena, a olho d’água.

Quanto à motivação de natureza física, verificou-se a predominância de hidrotopônimos na escolha de nomes próprios para nomear municípios em Alagoas na totalidade do *corpus* aqui analisado.

A rede hidrográfica de Alagoas é constituída por rios que correm diretamente para o oceano Atlântico (como, por exemplo, o Camaragibe, o Mundaú, o Paraíba e o Coruripe) e por rios que deságuam no São Francisco (como o Marituba, o Traipu, o Ipanema, o Capiá e o Moxotó).

Esse traço hidrográfico se apresenta marcante na motivação toponímica, vinculando-se à importância dos cursos d’água para as condições humanas no território alagoano e sinaliza que, no processo de ocupação do homem, aspectos naturais como a hidrografia se desponha relevante na observação do léxico toponímico, dado o seu caráter referencial.

Fitotopônimos: topônimos relativos à vegetação local

Foram registrados dezesseis fitotopônimos, assim distribuídos:

- a) 11 (onze) nomes relativos às espécies de árvores da região, na qual o município está inserido: (20) **Arapiraca**, do tup. *ara* ‘periquito, arara’; *pira* ‘pousa’; *aca* ‘ramo de árvore’. Trata-se de uma espécie de angico branco, uma árvore da família das Leguminosas Mimosáceas – Piptadênia (*Piteodolobim*), uma espécie de angico branco muito comum no Agreste e no Sertão, e que o povo, à sua maneira, denomina de Arapiraca (TIBIRIÇÁ, 1997); (21) **Cajueiro**, que faz referência a um frondoso cajueiro que existia às margens do Rio Paraíba, onde se originou a cidade; (22) **Coqueiro Seco**, que faz referência a um velho coqueiro, já seco, que passou a ser, dentro da região possuidora de um vasto coqueiral, ponto de referência para os que passavam

pela margem ocidental da Laguna do Norte; (23) **Craíbas**, do tup. *Caraíba* ‘homem branco, estrangeiro’ (TIBIRIÇÁ, 1997), que faz referência à árvore craibeira muito comum na região do município; (24) **Flexeiras**, que faz referência ao grande número de árvores existentes na região nas quais brotavam flechas semelhantes às de cana-de-açúcar que era encontrada com facilidade nos arredores.

E mais, (25) **Jaramataia**, do tup. *jaramataia* ‘planta leguminosa’ (TIBIRIÇÁ, 1997), que faz referência à grande quantidade de jaramataias – tipo de árvore ornamental de folhas estreitas muito abundante na região; (26) **Murici**, do tup. *moressi* ‘árvore da família das malpigiáceas’ (TIBIRIÇÁ, 1997), que faz referência ao muricizeiro que deu origem à localidade; (27) **Pariconha**, do tup. ‘duas conchas’, (como eram chamadas as polpas dos frutos do pé de ouricuri) (MENDOÇA, 2012), que faz referência a um ouricurizeiro cujos frutos continham duas conchas, como eram chamadas as polpas desses frutos; (28) **Piaçabuçu**, do tup. *pyassab-ussu* ‘cerca grande’ (TIBIRIÇÁ, 1997), que faz referência à abundância, na região, de grandes palmeiras; (29) **Pindoba**, do tup. *pindá* ‘folha da palmeira com a qual os índios faziam fiskas e anzóis; o coco da palmeira pindá’ (TIBIRIÇÁ, 1997), que faz referência ao nome popular de uma espécie de palmeira da família das Arecáceas e (30) **Taquarana**, do tup. *tacué-rana* ‘planta que se parece com a taquara, falsa taquara’ (bambu) (TIBIRIÇÁ, 1997), que faz referência a uma espécie de árvore característica e abundante no Agreste alagoano.

- b) 6 (seis) nomes relativos à diversidade da vegetação geral da região: (31) **Junqueiro**, do lat. XIII. *juncus*, -i ‘nome comum a várias plantas herbáceas’ (CUNHA, 2010), que faz referência à profusão da vegetação de junco às margens da lagoa responsável pela formação de um pequeno aglomerado de moradores; (32) **Boca da Mata**, que faz referência às primeiras residências das quais se tem notícia, construídas na entrada da grande mata, chamada pelos antigos moradores de boca da mata, que se estendia rumo à cidade Atalaia; (33) **Campestre**, que faz referência aos verdejantes campos existentes em meados do século

XVIII entre os morros que circundavam toda a região; (34) **Olho d'Água das Flores**, que faz referência a uma árvore conhecida como pau d'arco. Na época da floração, cobria-se de tantas flores que, tangidas pelo vento, formavam um tapete à superfície da água. Assim, o lugar ficou conhecido entre os viajantes por Olho d'Água das Flores e (35) **Viçosa**, que faz referência ao vigor/verdor da vegetação local.

Nesses casos de fitotoponímia, é importante se considerar o relevante papel da vegetação do território alagoano como fonte motivadora, e se percebe que o denominador resgata os aspectos da flora pela existência de plantas no ambiente em que se encontra seu objeto de denominação, isto é, o município da região na qual o topônimo está inserido. Sendo assim, evidencia-se a importância da vegetação na vida do homem, materializada na relação simbólica existente entre léxico e o ambiente⁵.

Litotopônimos: relativos à constituição do solo, pedras e rochas

Foram registrados cinco litotopônimos, assim distribuídos:

- a) 5 (cinco) nomes relativos à constituição do solo da região, na qual o município se originou: (36) **Inhapi**, do tup. *inha* 'pedra' e *pi* 'água' (MENDOÇA, 2012), que faz referência ao território da localidade ser cheio de enormes pedras, e muitas delas guardam a água da chuva em suas saliências; (37) **Maceió**, de *masseió*, nome que os tupis davam às lagoas formadas pelas águas pluviais (provável termo tupinambá) (TIBIRIÇÁ, 1997), que faz referência à constituição do solo alagadiço, onde se localizava o engenho de açúcar que tinha o nome de *Maçaió-k* e do riacho *Maçayo*; (38) **Penedo**, que faz referência à grande massa de rocha saliente sobre a qual se assenta o município; (39) **Porto de Pedras**, que faz referência ao fato de haver um porto que atraía navegantes, quer por meio das águas do Oceano Atlântico, quer por meio das águas do Rio Manguaba, além do fato de sua área urbana estar situada entre o mar, o rio e uma encosta de pedras; e (40) **São José da Laje**, que faz referência às pedreiras da região.

⁵ O termo *ambiente* é empregado numa perspectiva tradicional e visto pelo aspecto natural de fauna e de flora, estando ligado às interpretações de natureza, ou seja, o *habitat*, o espaço físico, natural, que os seres normalmente ocupam.

Quanto aos casos dos litotopônimos, verificou-se uma incidência significativa de cinco nomes que apontam uma tendência motivadora do homem em atribuir às cidades nomes relativos à constituição mineral ou do solo da região na relação simbólica existente entre léxico e meio ambiente na nomeação das municipalidades alagoanas.

Zootopônimos: topônimos referentes à fauna

Nesta categoria toponímica, foram registrados cinco zootopônimos no léxico municipal alagoano e se percebe que o sujeito-nomeador resgata aspectos da fauna da região a ser nomeada, principalmente relacionados às atividades de caça e de pesca. Assim distribuídos:

- a) 2 (dois) nomes relativos às espécies de peixes encontradas na região: (41) **Jundiá**, do tup. *yundi-á* ou *nhandiá* ‘denominação genérica dada pelos índios ao bagre’ (TIBIRIÇÁ, 1997), que faz referência à abundância de peixes da espécie jundiá encontrados no Rio Manguaba, que percorre o território do município e (42) **Piranhas**, do tup. 1587 *pi’rãia* < *pi’ra* + ‘*ãia* ‘dente, nome comum a vários peixes da família dos caracídeos, extremamente ferozes’ (CUNHA, 2010), que faz referência ao fato: num riacho que é hoje chamado das Piranhas, um caboclo ter pescado uma grande piranha.
- b) 3 (três) nomes relativos aos animais característicos da região: (43) **Carneiro**, que faz referência a uma cacimba – de acordo com os moradores locais – que teria sido aberta por um carneiro enlouquecido pela sede; (44) **Maribondo**, do afri. *mari’mono*, 1813 *maribondo* ‘nome comum a diversas espécies de vespas’ (CUNHA, 2010), que faz referência a uma grande casa de maribondos/vespas, alojadas nos ingazeiros e canafístulas, que atacavam os viajantes e moradores do lugar; e (45) **Satuba**, do tup. *yssá-tyba* ‘abundância de içás’ (TIBIRIÇÁ, 1997), que faz referência a uma espécie de formiga (saúva, conhecida formiga que existia na localidade), que muito incomodava os operários que construíam a trilha férrea de *Great Western* na região.

Dimensiotopônimos: topônimos relativos às dimensões dos acidentes geográficos

Nesta categoria toponímica, foram registrados cinco dimensiotopônimos no léxico municipal alagoano. A saber: (46) **Campo Grande**, que faz referência à extensa planície onde está situada a cidade, repleta de campos de grandes proporções, ideal para a pecuária e a agricultura; (47) **Feira Grande**, que faz referência à feira local, que passou a ser uma das maiores que se realizavam nas imediações; (48), **Mata Grande**, que faz referência ao fato de o povoado ter sido edificado junto à serra do mesmo nome e que é coberta de uma vasta, fértil e verdejante mata; (49) **Olho d'Água Grande**, que faz referência à vasta planície de terras férteis, possuidora de um olho d'água de grande proporção onde o povoado começou a se formar; e (45) **Rio Largo**, que faz referência ao engenho de açúcar existente no local, onde se iniciou o núcleo de povoação, e o Rio Mundaú se apresentava com maior largura entre as suas margens.

Outras taxionomias de natureza física menos produtivas registradas na toponímia municipal alagoana

Já as taxes dos Cromotopônimos, Cardinotopônimos, Geomorfotopônimos e Morfotopônimos se apresentaram com pouca representatividade, no sentido de produtividade lexical na microtoponímia estudada, foram registrados dois ou apenas 1 (um) caso para cada taxe de natureza física citada, a saber:

- a) 2 (dois) nomes relativos à escala cromática: (51) **Chã Preta**, que faz referência à Fazenda Chã Preta, da família Inácio, cujos membros eram da raça negra (cor preta); e (52) **Ouro Branco**, que faz referência à brancura (cor branca) das imensas plantações de algodão da região.
- b) 1 (um) nome relativo à posição geográfica: (53) **Santa Luzia do Norte**, que faz referência à localização do município às margens da Laguna do Norte.
- c) 1 (um) nome relativo às formas de relevo terrestre: (54) **São Miguel dos Campos**, que faz referência aos Campos Arrozais dos Inhaúns, de cujo território fazia parte, segundo cronistas holandeses, os mais férteis do Brasil.

- d) 1 (um) nome relativo às formas geométricas: (55) **Pão de Açúcar**, que tem sua motivação no fato de que, nos engenhos da época colonial, havia moenda, caldeiras de cobre, o tendal das forças e a casa de purgar. Nessa última, existia uma forma ordinariamente usada para purgar e clarear os pães-de-açúcar. Como o morro Cavalete, ali localizado, assemelhava-se extraordinariamente àquelas formas de engenho, o lugar foi denominado de Pão de Açúcar.

E ainda, cumpre ressaltar que não se registraram topônimos municipais alagoanos nas categorias: Astrotopônimos (topônimos relativos aos corpos celestes em geral) e Meteorotopônimos (topônimos relativos a fenômenos atmosféricos).

De forma geral, os topônimos de motivação de natureza física se revelaram mais produtivos do que os topônimos de motivação de natureza antropocultural na função toponímica de nomear municípios em Alagoas. Quantitativamente, eles corresponderam a 55 ocorrências, que representa uma percentagem de 53,92%, do total de 102 nomes das municipalidades estudadas.

Dentro desse grupo, as taxas de hidrotopônimos com 19 ocorrências e os fitotopônimos com 16 ocorrências se mostraram os mais recorrentes nas escolhas lexicais de motivação de ordem física. E ainda, os dimensiotopônimos, os litotopônimos e os zootopônimos, com 5 ocorrências cada taxa, apresentaram uma produtividade que pode ser considerada como média.

Por fim, destaca-se que esses nomes de municipalidades, como signos toponímicos transparentes, são motivados na forma descritiva – a partir das características objetivas mais relevantes da região e cristalizam aspectos da geografia física do lugar, mantendo marcas que permanecem firmadas mesmo quando a motivação toponímica, ocorrida no ato denominativo, já não mais existe.

Considerações finais

O Estado de Alagoas é geograficamente pequeno, com uma área total de 27.767,661 km², sendo o 2º menor do país. Faz fronteiras com os Estados de Pernambuco (Norte e Noroeste), de Sergipe (Sul), da Bahia (Sudoeste), além do Oceano Atlântico (Leste). É formado por

102 municípios, que estão distribuídos em três mesorregiões (Agreste Alagoano, Leste Alagoano e Sertão Alagoano) e subdivididos em 13 microrregiões geográficas.

Constitui, assim, a nomenclatura de suas municipalidades e, conseqüentemente, o léxico toponímico municipal humano de uma microtoponímia do Estado, evidenciando com suas isoglossas os efeitos da sociedade sobre a língua, como, também, a maneira pela qual o mundo exterior nela se reflete e se refrata.

Nesse sentido, nota-se que o sujeito-nomeador, ao escolher um determinado termo para nomear um município alagoano, num processo seletivo, não o faz aleatoriamente, sem que esse topônimo, de certa forma, não tenha para ele um significado, uma importância e que reflita e/ou refrata aspectos peculiares do lugar: geofísicos, históricos, políticos e culturais.

Após as análises, os resultados apontaram para uma maior influência de condutas motivadoras de natureza física e que estes topônimos carregam cristalizados, em seus significantes, aspectos geofísicos do lugar, considerados relevantes pelo nomeador no ato de nomeação.

Isso sugere que, na relação entre o homem e o meio ambiente, o sujeito-nomeador se apodera de referentes de seu *habitat*, especialmente da hidrografia geral de Alagoas e sua fauna, ao estabelecer o ato de nomear os municípios. É através do processo de interação proporcionado pela linguagem que ele pode exteriorizar sua relação com a natureza e o mundo circundante.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010. 744 p.

BASILIO, Margarida. **Teoria lexical**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

_____. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **O Fato Linguístico como recorte da realidade sócio-cultural**. 1996. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara.

_____. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: _____; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. vol. VI. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012, p. 115-139.

MENDONÇA, Carlos Alberto Pinheiro et al. **Enciclopédia Municípios de Alagoas**. 3. ed. amp. e rev. Instituto Arno de Mello. Maceió. Núcleo de Projetos Especiais. 2012, 540 p. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/525211-Enciclopedia-dos-Municipios-de-Alagoas/>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

MAEDA, Raimunda Madalena Araújo. **A toponímia sul-mato-grossense: um estudo dos nomes de fazendas**. São Paulo. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2006, 276 p.

ORSI, Vivian. Lexicologia: o que há por trás do Estudo das Palavras. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa. **Ciências da Linguagem**: o fazer científico?. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012, p.164-167.

SALAZAR-QUIJADA, A. **La toponímia em Venezuela**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1985.

TAVARES, Marineide Cassuci; ISQUERDO, Aparecida Negri. A Questão da Estrutura Morfológica dos Topônimos: Um Estudo na Toponímia Sul-Mato-Grossense. **SIGNUM**: Estud. Ling., Londrina, n. 9/2, p. 273-288, dez. 2006.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. **Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi**: significado dos nomes geográficos de origem tupi. 2. ed. Brasil: Traço, 1997. 197 p.

TIZIO, Iberê Luiz di. **Santo André**: a causa toponímica na denominação de seus bairros. São Paulo. Tese de doutorado. Universidade Estadual de São Paulo – USP, 2009, 184 p.

TRAPERO, Maximiano. **Para una teoría lingüística de la toponimia**: estudios de toponimia canaria. Las Palmas de Gran Canaria; Universidad, 1995.

VILELA, Mario. **Estudos em Lexicologia**. Coimbra: Almedina, 1994.

Recebido em: 29 de jan. de 2016.

Aceito em: 02 de ago. de 2017.